



RESENHA¹

Camila Benedita de Matos FERREIRA²

Danuza Américo Felipe de LIMA³

CHIZIANE, PAULINA. EU, MULHER... POR UMA NOVA VISÃO DE MUNDO. BELO HORIZONTE:
NANDYALA, 2013.

A boneca Barbie foi lançada oficialmente em 9 de março de 1959, na Feira Anual de Brinquedos de Nova York, como uma jovem branca bem vestida que passava a imagem de sucesso, beleza e prestígio. Entretanto, com o passar dos anos, a boneca refletiu as mudanças do mundo feminino (GERBER, 2009). A cada lançamento de um modelo, o brinquedo trazia em seus trajes uma nova referência. E apesar de toda problemática da imagem de uma mulher de formas e traços estéticos idealizados que dificilmente seriam alcançados naturalmente e de todo o interesse mercadológico da Mattel, empresa criadora (ROVERI, 2012), a boneca dizia indiretamente que uma mulher poderia atuar onde desejasse e que muitos locais não seriam espaços exclusivos da atuação masculina. Afinal, surgiu a Barbie médica, professora, arquiteta, engenheira, enfermeira, cientista etc. Os modelos eram

1 Essa resenha foi escrita no âmbito da pesquisa acadêmica sobre a obra de Paulina Chiziane realizada pela discente Camila Benedita de Matos Ferreira, sob a orientação da docente Danuza Américo Felipe de Lima no Grupo de Pesquisa Constelações Literárias de Autoria Negro-africana, Afro-latina e Afro-brasileira no curso de Letras do IFSP-Avaré.

2 Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Campus* Avaré. Integrante do Grupo de Pesquisa Constelações Literárias de Autoria Negro-africana, Afro-latina e Afro-brasileira. Endereço eletrônico: <camilamatosferreir@gmail.com>.

3 Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Carlos. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus* Avaré. Integrante do Grupo de Pesquisa Constelações Literárias de Autoria negro-africana, Afro-latina e Afro-brasileira. Endereço eletrônico: <danuza.lima@ifsp.edu.br>.



inúmeros, mas em todos a imagem exemplificada em aproximadamente 30 centímetros, era de que a mulher não era restrita aos serviços domésticos e negava a dominação masculina como até então era passada com a predominância da venda de bonecas em forma de bebês.

O desenvolvimento da intelectualidade e independência feminina foi algo polêmico até para as conversas no interior das famílias. Muitas mães conservadoras se contrapunham às filhas que desejavam seguir caminhos diferentes dos seus. A vida sem marido, sem filhos ou ainda a vida com família, mas em um contexto em que ambos possam desfrutar dos mesmos desejos de crescimento e conhecimento são temas extremamente pesados para se considerar na década de 50, quando a Barbie foi lançada. Tudo isso sendo descrito no contexto de um lar de família branca norte-americana. Agora, vamos pensar nessa mesma visão no seio de uma família negra, pois a empresa, em 1968, lançou Christie, a amiga negra da Barbie (CRUZ; SILVA, 2012), cujo a notoriedade do brinquedo não alcançou as mesmas dimensões da Barbie branca por razões bastante conhecidas nos dias de hoje, pois a pele negra não foi vista como algo comercial pelo mercado publicitário. Além disso, conforme afirmam Steinberg e Kincheloe (2001), a Barbie loira fomentou a supremacia de um padrão etnocêntrico, a partir do qual as “outras” *barbies* surgiram.

Dado o fato, traçamos a cena de uma menina negra em Moçambique, também nascida na década de 50, no entanto de carne e osso, que quando olha para o seu futuro se vê ocupando todos os espaços que até então não lhe era ofertado. Ela leva a discussão para o seio de sua família, expõe seus desejos e sonhos de seguir uma vida na literatura ou na arte que, até mesmo nos dias hodiernos, são áreas de grande polêmica quando uma pessoa decide seguir. E nesse instante, recai sobre a menina o olhar de repreensão de seus pais. Os espaços que lhe cabiam eram poucos e a ousadia ao sonho poderia lhe acarretar muito mais sofrimento. Para a família era dado a entender que permanecer naquela linha sucessória de uma vida recatada, “da mulher atrás do homem”, era bem mais simples do que tê-la a frente,



tentando conquistar algum espaço. Ser mulher, naquele contexto, era a compressão óbvia do sofrimento na busca por um caminho diferente de suas ancestrais. Ser negra era um ponto a mais em um meio que era extremamente restrito e os que por ali estavam, em sua maioria, eram homens (mestiços de pele clara ou brancos). A família, nesse caso, agia como uma retentora de sonhos e ao mesmo tempo como protetora. No ensaio, *Eu, mulher...* por uma nova visão de mundo, Paulina Chiziane escreve:

Já adolescente, sonhei em tornar-me pintora. A família disse que não, a escola disse que não, a sociedade também disse que não. Porque não é bom para uma mulher. Porque pintura é arte e o artista é marginal. Eu estava a ser educada para ser uma boa mãe e esposa. Recalcaram o meu sonho e não o fizeram por mal, queriam apenas proteger-me. (CHIZIANE, 2013, p. 10)

Proteger não pode ser desconsiderado como cuidado, mas deve ser considerado como fator contribuinte para uma sociedade opressora da mulher.

O reconhecimento do trabalho intelectual é atravessado por relações de gênero, raça e classe (Anzaldúa, 2000; hooks, 1995). E apesar de todas as conquistas femininas desde a década de 50 até os dias atuais, ainda existem muitas portas fechadas e espaços estreitos quando o assunto é gênero e raça. Há ambientes em que só vozes masculinas têm vez, outros em que vozes negras nunca soaram. Para adentrar o campo acadêmico, acessar o universo científico e ser reconhecida como intelectual, as mulheres enfrentam interdições, e no caso das mulheres negras, essas interdições estão fundamentadas também na intersecção de raça. Como aponta Conceição Evaristo (2018), acessar o campo intelectual e ter visibilidade é transgredir as fronteiras e transpor os obstáculos.

Chiziane (2013) discursa sobre isso e enquanto contadora de histórias (conforme se autointitula numa visível asserção da cultura tradicional moçambicana), confabula sobre a construção da imagem da mulher em princípios religiosos e culturais de diferentes contextos e



afirma: "[...] nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade." (2013, p. 6). Para Chiziane, imaginar uma mulher ocupando espaços de grande poder cria, na sociedade, dúvidas se essas agiriam de modo diferente dos homens. E por isso lança a irônica pergunta se a sorte das mulheres seria diferente se Deus fosse mulher. Ela desconstrói a ideia de essencialismo ao convidar o leitor a olhar para diversas situações, ao longo da história, em que as mulheres que ocuparam lugares de poder centraram em uma visão egoísta sem a preocupação de semearem ideias fraternas e traçarem planos que poderiam ajudar outras mulheres.

A autora afirma que a justiça nem sempre está atada ao poder, sendo essa uma questão profunda. E desse modo, ela, enquanto autora, compreende a responsabilidade de que sua palavra carrega, sendo instrumento na luta por espaços para ela e para outras mulheres que pudessem se atrever a sonhar como ela. Segundo relata:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita, o preenchimento do vazio e incompreensão que ser erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo, para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura, ninguém o fará da forma como elas desejam. Foi assim que surgiu a minha primeira obra. (CHIZIANE, 2013, p. 11)

Chiziane constrói nas páginas desse ensaio uma espécie de estratégia a seguir, pois descreve as dificuldades que enfrenta e projeta o que pode enfrentar. Fala de seu medo de partir antes de concluir seus escritos e desse modo sua luta não promover as mudanças almejadas.



As aspirações e discussões que fomenta são também recorrentes em suas obras. É possível encontrar nos romances e nas entrevistas concedidas os mesmos questionamentos levantados nas linhas publicadas pela UNESCO em 1998, ano da primeira edição do ensaio.

Ela faz de seu texto uma porta de abertura para o mundo, que ela espera que ouça sua voz. Tal entendimento inicia no título “Eu, mulher” em que Chiziane coloca para a sociedade a sua presença. Ela mostra, sem medo, suas divagações sobre o que considera que o mundo deve mudar, enquanto pede licença para que sua voz seja ouvida. É como se dissesse: Eu, Paulina Chiziane, trago ao mundo minha voz sobre todas as coisas que me oprimem e certamente oprimem outras mulheres. Portanto, sentem-se, pois, preciso falar sobre minhas ideias e apresentar o plano daquilo que desejo construir.

Em *Niketche*, uma história de poligamia (2004), Chiziane expande tais ideias a respeito da mulher e o espaço a que tem direito de ocupar na sociedade moçambicana em diálogos, cenários e situações que refletem com delicadeza e pitadas de humor e ironia o caminhar da mulher na sociedade. Ela apresenta os empecilhos, as crenças e traz a mulher frente a frente consigo mesma, questionando sobre seus valores e atuações.

Chiziane menciona no ensaio os sacrifícios que poderia abrir mão, mas não o faz por estar presa a medos enraizados por suas próprias crenças acerca do que considera certo e errado – sendo tais crenças o reflexo daquilo que foi construído em seu pensamento pela liderança masculina e opressora.

O ensaio descreve as situações do poderio masculino em Moçambique, no entanto ao redor do globo os ambientes não divergem muito. No Brasil, por exemplo, uma análise nos meios acadêmicos poderia começar na Academia Brasileira de Letras, cujo espaço é ocupado majoritariamente por autores brancos e originários das elites das capitais. A lista de autores que ocupam as cadeiras somam apenas três homens negros e nenhuma mulher negra, a despeito da riqueza literária feminina negra no Brasil.



A voz de uma mulher negra ainda não ganhou espaço por lá. Em 2018, a instituição recebeu a candidatura da escritora Conceição Evaristo, autora de sete livros e 40 antologias, citada anteriormente nesse texto. A sua candidatura recebeu grande apoio popular, entretanto obteve apenas um voto. Evaristo perdeu a cadeira de número sete para o cineasta Cacá Diegues e a rejeição pode ser atribuída ao incômodo que provocou aos integrantes da ABL. Segundo Campos & Bianchi (2018), a autora fez de sua candidatura uma espécie de anticandidatura, pois não fez campanha para agradar nenhum dos autores que possuem assentos na academia para votarem em si. Ela não renunciou a sua luta feminina antirracista pela cadeira na ABL, pois entrou na disputa justamente para denunciar a falta de representatividade na centenária academia.

A sua posição expõe aquilo que Chiziane apresenta no ensaio. Afinal, a sociedade conservadora não aceita a literatura que é gerada no íntimo dessas mulheres. Desde o nosso passado escravocrata, há uma dificuldade no reconhecimento da capacidade intelectual das mulheres negras, pois elas aparecem recorrentemente figuradas na literatura e na dramaturgia como escravizadas ou domésticas e sempre subservientes aos homens ou mulheres brancas, que, por sinal, raramente incluem a pauta racial nas lutas por direitos femininos. Esse cenário no contexto brasileiro nos faz pensar que tal como pontua Chiziane (2013), o empoderamento negro feminino é uma questão social profunda.

REFERÊNCIAS:

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 2000, v. 8, n. 1, p. 229-236.

CAMPOS, Matheus; BIANCHI, Paula. Como a escritora negra Conceição Evaristo perdeu a sua cadeira na ABL. *The Intercept Brasil [online]*. Ago, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>. Consultado em 10 ago. 2022.



CHIZIANE, Paulina. *Niketche*, uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CRUZ, Michelle Brugnera; SILVA, Thaise da. Barbie diversidade: o discurso multicultural da boneca na perspectiva das crianças. *Revista Construção Psicopedagógica*. [online]. 2012, v. 20, n. 20, p. 91-113. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v20n20/09.pdf> . Consultado em 10 ago. 2022.

EVARISTO, Conceição. *Entrevista concedida a Júlia Dias Carneiro*. BBC Brasil / Rio de Janeiro, mar. 2018.

GERBER, Robin. *Barbie e Ruth*: a história da mulher que criou a boneca mais famosa do mundo e fundou a maior empresa de brinquedos do século XX. São Paulo: Ediouro, 2009.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

ROVERI, Fernanda Theodoro. *Barbie na educação de meninas: do rosa ao choque*. São Paulo: Annablume, 2012.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (Orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.